

DO LIVRO “A GRANDE QUARESMA, UMA VIAGEM PARA A PÁSCOA”

A ORAÇÃO E O JEJUM

Não existe Quaresma sem jejum. Entretanto, parece que hoje em dia muitos não levam o jejum a sério, ou, se o fazem, e sem conhecer seu verdadeiro objetivo espiritual. Para alguns, o jejum consista em renunciar simbolicamente a alguma coisa; o jejum é a observância atenta de regras alimentares. Mas, em ambos os casos, o jejum é raramente posto em relação com o esforço da Quaresma como um todo. Aqui e ali, entretanto, devemos tentar primeiro entender o ensinamento da Igreja quanto ao jejum, e então nos perguntar: Como aplicar esse ensinamento à nossa vida?

O jejum ou ausência de alimento não é uma prática exclusivamente cristã. Existiu e existe ainda em outras religiões e mesmo fora da religião, como por exemplo em certas terapias particulares. Em nossos dias, jejua-se por diversas razões, inclusive, por motivos políticos. É então importante discernir o conteúdo especificamente cristão do jejum. Ele nos é primeiramente revelado na interdependência dois acontecimentos que se encontram na Bíblia: um no começo do Antigo Testamento, outro no começo do Novo Testamento.

O primeiro acontecimento é a “ruptura do jejum” por Adão, no Paraíso. Ele comeu do fruto proibido. É assim que o pecado original do homem nos é revelado. O Cristo, novo Adão - e este é o segundo acontecimento - começa jejuando. Adão foi tentado e sucumbiu à tentação; Cristo foi tentado e venceu a tentação. A consequência do erro de Adão foi a expulsão do Paraíso e a morte. O fruto da vitória do Cristo foi a destruição da morte e nosso retorno ao Paraíso. A falta de espaço impede-nos de dar aqui uma explicação detalhada sobre o sentido deste paralelismo; mas está claro entretanto que, nesta perspectiva, o jejum aparece-nos como algo decisivo e de extrema importância. Não é uma simples obrigação, um costume; está ligado ao mistério mesmo da vida e da morte, da salvação e da danação.

A Ortodoxia ensina que o pecado não é simplesmente a transgressão de uma regra que leva ao castigo; ele é sempre uma mutilação da vida que Deus nos deu. É por este motivo que a história do pecado original nos é apresentada no ato de comer. Porque o alimento é meio de vida, é ele que nos mantém vivos. Mas aí está a questão: o que quer dizer vivo e o que significa a “vida”?

Em nossos dias, este termo tem sobretudo um sentido Biológico: a vida é precisamente aquilo que depende do alimento e, de um modo geral, do mundo físico. Mas para a Santa Escritura e Tradição cristã, viver assim “somente de pão” não é nada diferente de morrer, porque é uma vida mortal e na qual a morte está sempre em ação.

Deus, nos dizem, não criou a morte; Ele é o Doador da Vida. Como então a vida se tornou mortal? Porque, de tudo o que existe, a morte é a única certeza absoluta?

A Igreja responde: porque o homem recusou a vida tal como Deus lhe oferecia e lhe dava, e preferiu uma vida que depende não de Deus somente, mas de “pão somente”. Não somente ele desobedeceu a Deus e foi punido, mas ele transformou sua relação com o próprio mundo. Para dizer a verdade, a criação lhe havia sido dada por Deus como “alimento”, como meio de vida; mas a vida deveria ser comunhão com Deus; ela tinha n'Ele não somente seu fim, mas sua plenitude. “n'Ele estava a vida, e a vida era Luz dos homens”. O mundo e o alimento foram assim criados como meios de comunhão com

Deus, e apenas como recebidos pelo amor de Deus que eles podiam dar a vida. Em si mesmo o alimento não tem vida e não pode dar a vida. Somente Deus tem a vida e é a Vida. No próprio alimento, é Deus - e não as calorias - que é o princípio de vida. Assim, comer, estar vivo, conhecer Deus e estar em comunhão com Ele eram uma única e mesma coisa. A insondável tragédia de Adão é que ele comeu por si próprio. E mais ainda, ele comeu “a parte”; de Deus, a fim de ser independente d'Ele. E se o fez, é que ele acreditava que o alimento tinha vida em si mesmo e que ele, comendo daquele alimento, poderia ser como Deus, i.e., ter a Vida em si mesmo. Para simplificar, ele “pôs sua fé no alimento, enquanto que o único objeto de fé, de confiança, de dependência, é Deus e somente Deus. O mundo, o alimento tornaram-se seu Deus, a fonte e o princípio de vida; e disto ele se tornou escravo. Adão, em hebraico, quer dizer “homem”, é meu nome, o nome de nós todos. O homem é ainda Adão, o escravo do “alimento”. Ele pode pretender que crê em Deus, mas Deus não é sua vida, seu alimento, aquele que abarca toda a sua existência. Ele pode pretender receber sua vida de Deus, mas ele não vive em Deus e para Deus. Sua ciência, sua experiência, a consciência que ele tem de si mesmo, tudo isto está fundado em um mesmo princípio: “somente de pão”. Comemos para estar vivos, mas não estamos vivos em Deus. E o pecado dos pecados. E o veredito de morte ligado à nossa vida.

Cristo é o novo Adão. Ele vem para reparar o dano infligido à vida por Adão, para devolver o homem à verdadeira vida e, portanto, começa pelo jejum: “Quando tinha jejuado 40 dias e 40 noites, tive fome” (Mt 4:2). A fome é o estado em que nos damos conta de que dependemos de outra coisa, quando sentimos a necessidade urgente de alimento, isto nos mostra que não temos nenhuma vida em nós mesmos. A fome é o limite para além do qual ou morro da inanição ou, tendo satisfeito o corpo, tenha novamente a impressão de estar vivo. Em outros termos, é o momento onde se coloca a questão fundamental: De que depende minha vida? E já que esta questão não é puramente teórica, mas que eu sinto com todo o meu corpo, este é também o tempo da tentação. Satã veio encontrar Adão no Paraíso e veio encontrar Cristo no deserto - dois homens famosos - a Ihes disse a mesma frase: “Comei, pois a vossa fome é exatamente a prova de que dependeis inteiramente do alimento, que a vossa vida está no alimento”. Adão acreditou e comeu; já Cristo rejeitou a tentação e disse: “Nem só de pão vive o homem, mas do Deus”, ele recusou-se a aceitar esta mentira cósmica que Satã impõe ao mundo a qual ele fez uma verdade tão evidente que nem é mais discutida, o que se tornou o fundamento de nossa visão do mundo, da ciência, da medicina, a talvez até da religião. E, fazendo isso, Cristo restabeleceu o laço entre o alimento, a vida e Deus, que Adão havia quebrado e que nós quebramos a cada dia.

O que é o jejum para nós, cristãos?

É nossa incorporação e participação nesta experiência do próprio Cristo, pelo qual ele nos libera de nossa dependência exclusiva do alimento, da matéria e do mundo. De fato, nossa liberação não é plena, já que vivendo ainda neste mundo decaído, o mundo do velho Adão, a fazendo parte dele, somos ainda dependentes do alimento. Mas, da mesma forma que nossa morte, pela qual devemos ainda passar, tornou-se, em virtude da morte do Cristo, uma passagem para a vida, assim o alimento que comemos e a vida que Ele mantém podem ser uma vida em Deus e por Deus. Uma parte de nosso alimento já se tornou “alimento de imortalidade”: o corpo e o sangue do próprio Cristo. Mas mesmo o pão cotidiano que recebemos de Deus pode ser, nesta vida e neste mundo, o que nos fortifica e nos faz comungar com Deus, e não o nos separa d'Ele. No entanto, somente o jejum pode operar esta transformação, dar-nos a prova existencial de que a dependência em que estamos para com o alimento e a matéria não é nem total nem absoluta e que,

unida à graça e a adoração, pode ela mesma tornar-se espiritual.

Tudo isso significa que, compreendido em toda sua profundidade, o jejum é o único meio do homem recobrar sua verdadeira natureza espiritual. É um desafio, não teórico, porém verdadeiramente concreto, ao mentiroso que consumiu nos convencer que só temos necessidade de pão, e que edificou sobre esta mentira todo o conhecimento, a ciência e a existência humanas. O jejum denuncia esta mentira e prova sua flsidade. E muito significativo que seja quando do jejum que o Cristo encontrou Satan e que, mais tarde, tenha dito que Satan só pode ser vencido “pelo jejum e oração”. O jejum é o verdadeiro combate contra o diabo, porque é o desafio a lei singular e universal que faz dele o “príncipe deste mundo”. Porém, se alguém tem fome e descobre que pode ser realmente independente desta fome, pode não ser destruído por ela, mas, ao contrário, transformá-la em fonte de energia espiritual e vitória, então nada mais subsiste desta grande mentira em que vivemos deste Adão.

Como estamos longe, então, da concepção habitual de jejum como uma simples mudança de regime ou um conjunto de coisas permitidas ou proibidas, longe de toda esta hipocrisia superficial! Afinal de contas, jejuar significa apenas uma coisa: Ter fome, ir até o limite da condição humana que depende totalmente do alimento e lá, tendo fome, descobrir que essa dependência não é a verdade completa a respeito do homem, que a própria fome é antes de tudo um estado espiritual e que, finalmente, ela é na realidade a fome de Deus. Na Igreja primitiva, o jejum significava sempre uma abstinência total, um estado de fome que levava o corpo a um limite extremo. Entretanto, e aí que descobrimos também que o jejum, encarado como um esforço físico, e desprovido de sentido se não é acompanhado de seu complemento espiritual: “... pelo jejum e pela oração”. Isso significa que, se não fizéssemos o esforço espiritual correpondente, se não nos alimentássemos da realidade divina, se não descobrissemos que dependemos totalmente de Deus e somente de Deus, nosso jejum físico seria um suicídio, Se o próprio Cristo foi tentado quando jejuava, nós não temos a menor chance de escapar desta tentação. O jejum físico, por mais essencial que seja, é não somente desprovido de sentido, mas verdadeiramente perigoso, se é apartado do esforço espiritual de oração e da concentração em Deus

O jejum é uma arte sobre a qual somente os santos tem perfeito domínio; seria presunçoso e perigoso para nós querer praticar esta arte sem discernimento nem prudência; toda a liturgia da Quaresma é uma lembrança constante das dificuldades, obstáculos e tentações que aguardam aqueles que crêem poder contar com sua própria vontade e não com Deus.

Esta é a razão por que temos necessidade antes de tudo de uma preparação espiritual para esse esforço do jejum. Ela consiste em pedir ajuda a Deus e centrar nosso jejum em Deus. E por amor a Deus que deveremos jejuar. Precisamos, redescobrir nosso corpo como templo da presença divina, reencontrar o respeito religioso ao corpo, ao alimento, ao próprio ritmo da vida. Tudo isto deve ser feito antes que comece o jejum propriamente dito, de forma que, ao empreende-lo estejamos armados espiritualmente em uma ótica e um espírito de luta e de vitória.

Então vem o tempo do jejum mesmo. Segundo o que dissemos acima ele deve ser praticado em dois níveis: o do jejum ascético e o do jejum total. O jejum ascético consiste em uma redução enérgica de alimento, de forma que se viva em um estado permanente de uma certa fome, como uma lembrança de Deus e um esforço constante de manter nosso espírito orientado para Ele. Quem quer que o tenha praticado, ainda que só um pouco sabe que o jejum ascético, longe de nos enfraquecer, torna-nos, ao contrário, leves, unificados, sóbrios, alegre, puros. Então, recebemos o alimento como um

verdadeiro dom de Deus: encontramos-nos constantemente orientados para este mundo interior que, de uma maneira inexplicável, torna-se, ele mesmo, uma espécie de alimento.

Nós não trataremos aqui no que toca a quantidade, ritmos e qualidade do alimento a comer neste jejum ascético. Tudo isto depende de nossa capacidade individual, das condições exteriores da vida de cada um. Mas o princípio é claro: é um estado de meia-fome, cuja natureza negativa é sempre transformada em força positiva pela oração, a lembrança, a atenção e a concentração.

Quanto ao jejum rigoroso, ele é necessariamente limitado em sua duração e ligado à eucaristia. Nas nossas condições atuais de vida, o melhor é praticá-lo durante o dia que precede a noite onde se celebra a liturgia dos Pré-Santificados. Jejuando-se a partir da manhã bem cedo, ou a partir do meio dia, o essencial é vivê-lo como um dia de espera, de esperança, de fome do próprio Deus. E uma concentração espiritual para o que está por vir, para o dom que receberemos e pelo qual estamos prontos a sacrificar todos os outros dons.

Tudo isto estando dito, é preciso ainda lembrar que nosso jejum, por mais limitado que seja, se é um verdadeiro jejum, levará à tentação, à fraqueza, à dúvida e à irritação. Em outras palavras, será um combate real e provavelmente nós sucumbiremos várias vezes. Mas o aspecto essencial do jejum é justamente a descoberta da vida cristã como luta e esforço. Uma fé que não superou as dúvidas e tentações raramente é real, infelizmente. Nenhum progresso é possível na vida cristã sem a amarga experiência do fracasso. Muitos começam a jejuar com entusiasmo, e depois renunciam na primeira falha. Eu diria que é justamente nesta primeira queda que se situa o verdadeiro teste se, após haver fraquejado e dado livre curso a apetites e paixões, nós volvemos corajosamente à tarefa, sem abandoná-la, não importa quantas falhas tenhamos, mais cedo ou mais tarde nosso jejum produzirá seus frutos espirituais. Entre a santidade e o cinismo desencantado, há espaço para a grande e divina virtude da paciência; sobretudo a paciência consigo mesmo. Não existe atalho para se chegar a santidade; deve-se pagar o preço de cada passo adiante. É então preferível e mais seguro começar com um mínimo, exatamente um pouco acima de nossas possibilidades naturais, e aumentar nosso esforço progressivamente, ao invés de se tentar pular mais alto no começo e quebrar alguns ossos na queda.

Em resumo: de um jejum simbólico e puramente formal, concebido como uma obrigação e um costume, precisamos voltar ao verdadeiro jejum. Mesmo sendo modesto e limitado, que seja sério e efetivo. Ponderemos honestamente a medida de nossas capacidades físicas e espirituais, e ajamos consoantemente - lembrando-nos sempre que não há jejum que não desafie estas capacidades e que não introduza em nossa vida uma prova divina, de que as coisas impossíveis ao homem são possíveis para Deus.